

Gasolina aumenta 16,2% e diesel fica 25,8% mais caro

Petrobras fez primeiro reajuste no Governo Lula: presidente do BC prevê alta da inflação

DORIO E BRASÍLIA

No primeiro aumento de preços desde o início do Governo Lula, a Petrobras anunciou ontem reajuste de 16,2% para a gasolina (o equivalente a R\$ 0,41 por litro) e de 25,8% (R\$ 0,78) para o diesel nas suas refinarias. Os novos valores valem a partir de hoje. O anúncio levou o mercado a rever suas projeções para o IPCA no ano. Até o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, falou em impacto na inflação por conta do "grande aumento".

Segundo distribuidoras, já havia restrições para venda de diesel em algumas localidades do Brasil, com especulações no mercado de riscos às contas da Petrobras por reter as variações das cotações. O preço desse combustível está muito relacionado ao mercado externo devido à necessidade de importação.

Porém, a alta dos combustíveis alerta sobre impactos na inflação. "O impacto da gasolina é direto na cadeia", afirmou Campos Neto. Para ele, a alta dos combustíveis deve puxar o IPCA em "mais ou menos 0,40 ponto percentual entre agosto e setembro".

Já o Itaú Unibanco reveriu sua estimativa para o índice no fim do ano, de 4,9%



Associação de importadores diz que, mesmo com reajustes, ainda há defasagem com preços internacionais

para 5,1%. O banco calcula que o reajuste da gasolina deve gerar um impacto de 0,32 ponto, enquanto o do diesel deve responder por 0,02 ponto.

"O movimento veio acima da nossa expectativa de curto prazo, que embutia

um reajuste menor na gasolina, próximo de 5%", disse o banco. Outra instituição que reveriu seus números foi a Warren Rena, de 4,6% para 5%.

A atual direção da Petrobras vinha sendo criticada por retardar o repasse de

aumento de custos com a compra do petróleo para os preços no mercado nacional. Em maio, a empresa abandonou o antigo modelo de PPI (Preço de Paridade de Importação), que acompanhava a oscilação de valores internacionais.

Abastecimento

O reajuste é visto por analistas do mercado como uma forma de assegurar o abastecimento no País. Com o preço anterior, revendedores já relatavam dificuldades na compra do combustível, usado pela maior parte da frota de caminhões do País. Com o preço menos atrativo, as distribuidoras nacionais estavam optando por priorizar as entregas do produto para os postos que contam com suas bandeiras. Desta forma, não descumpriam contratos. A questão é que o Brasil importa entre 20% e 30% do diesel que consome e o valor até agora do combustível era considerado pouco lucrativo para o mercado, pois a importação era vista como algo muito caro.

FUP pede refinarias

A alta dos combustíveis evidencia a necessidade urgente de acelerar o processo de autossuficiência no refino de derivados de petróleo, reduzindo, ou até mesmo eliminando, importações no médio e longo prazos, segundo a Federação Única dos Petroleiros (FUP). De acordo com a FUP, a demanda interna é de 2,4 milhões de barris por dia de derivados, frente a uma capacidade instalada de refino (da Petrobras e privadas), de 2 milhões de barris/dia.

Defasagem de preço

Segundo levantamento da Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis (Abicom), a defasagem entre os

preços internos e os internacionais, na segunda-feira, era de 28% em relação ao preço do diesel. Para o preço interno ser equiparado pela estatal ao mercado internacional e viabilizar importações, o aumento deveria ser de R\$ 1,18 por litro. Já a gasolina deveria ter alta de R\$ 0,86 por litro para compensar a defasagem de 26% até o dia 14.

Impacto na inflação

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, disse que o reajuste nos combustíveis terá impacto no Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 0,40 ponto percentual entre agosto e setembro. "O impacto da gasolina (na inflação) é direto na cadeia. Ainda terá algumas revisões com o reajuste de hoje", disse Campos Neto, em evento na sede da Frente Parlamentar do Empreendedorismo (FPE).

Preço do barril

O petróleo fechou em baixa ontem após bateria de dados da China renovar preocupações sobre a desaceleração da demanda da maior importadora de commodities do mundo. Na New York Mercantile Exchange (Nymex), o petróleo WTI para setembro fechou em baixa de 1,84%, a US\$ 80,99 o barril. O tipo Brent (referência da Petrobras) para outubro, negociado na Intercontinental Exchange (ICE), fechou em queda de 1,51%, a US\$ 84,89 o barril.

com os valores marginais para a Petrobras".

Segundo a Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis (Abicom), mesmo com o reajuste os preços continuam defasados (veja quadro acima). (Estadão Conteúdo)